

1  
2  
3  
4  
5  
6

# LÍNGUAS EM CONTATO: SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Onilma Freire dos Santos (IFMT)  
onilma.santos@srs.ifmt.edu.br

7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28

## RESUMO

Para o entendimento das diversas gramáticas de línguas naturais, prevê-se na gramática universal a existência de princípios e parâmetros linguísticos: princípios, iguais para todos os indivíduos, sendo rígidos para todas as línguas; Parâmetros, fixados pelo falante no processo de aquisição linguística enquanto criança que possuem dois valores de marcação (+ ou -). Após fixado o valor positivo ou negativo do parâmetro, adquire-se a gramática nuclear, que se distinguirá de outras gramáticas. Ao longo dos anos, diversas investigações têm centrado a atenção no chamado parâmetro do sujeito nulo. Acerca do Português brasileiro, estudos realizados sob o ponto de vista sincrônico e diacrônico apontam para um preenchimento cada vez maior da posição sujeito por sujeitos plenos, ao contrário do que ocorre nas línguas que usam sujeitos nulos (nomeadamente pro) por serem línguas que fixam positivamente o valor do parâmetro (línguas *pro-drop*) (DUARTE, 1993, 1995, 2003; ROBERTS, 1993; KATO, 2000, KATO & DUARTE, 2003). Neste trabalho, discutiremos brevemente a sintaxe comparativa sob a perspectiva da teoria dos princípios e parâmetros de Noam Chomsky, a fim de identificar possíveis interferências de línguas em contato (português/espanhol) na fala de nativos residentes no Brasil há, pelo menos, dez anos. A metodologia utilizada é oriunda da sociolinguística, a partir da coleta de dados. Tomando por base o *corpus* da pesquisa, constituído por 1508 sentenças declarativas finitas, analisamos as propriedades do parâmetro do sujeito nulo, partindo da distinção entre línguas *pro-drop* e línguas não *pro-drop*. A partir da análise das seguintes variáveis: posição do sujeito; tipo de oração; duplicação de sujeito; morfologia de flexão verbal, em contextos fráscos.

29  
30

Palavras-chave: Sujeito nulo. Princípios. Parâmetros. Gramática.

31  
32

## 1. Introdução

33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40

Com o advento da nova sintaxe comparativa e sob o viés da teoria gerativa, estudos comparativos entre línguas românicas, por exemplo, vêm ocupando espaço significativo no âmbito das investigações linguísticas desde a década de 80, no século XX (RIZZI, 1989). Mary Aizawa Kato e Jânia Ramos (1999, p. 105-146) fizeram um apanhado dos estudos desenvolvidos no âmbito da sintaxe gerativa desde a década de 60, quando o gerativismo dava ainda seus primeiros passos no Brasil, tomando por base os artigos de Miriam Lemle (1967) e Joaquim Matoso Câmara Jr. (1967).

1           Estudiosos como Eunice Pontes (1969-1973), Leila Barbara  
2 (1971-1975) e Mary Aizawa Kato (1972-1974) produziram as primeiras  
3 dissertações e as primeiras teses na linha da sintaxe gerativa no país. En-  
4 tre os temas abordados, destacam-se: a) o léxico e a sintaxe, centrando a  
5 atenção na decomposição léxico-semântica dos verbos, a fim de correla-  
6 cionar o papel semântico dos argumentos ao tipo de complementação:  
7 acusativas e inacusativas (MIRANDA, 1975; LOBATO, 1978; BERTHI-  
8 ER, 1974; AZEVEDO, 1977; FÁVERO, 1974/1982); b) as estruturas sin-  
9 táticas do português (ALMEIDA, 1977; MARTINS, 1976; IKEDA,  
10 1977; MAIA, 1975; PERINI, 1977); c) as estruturas simples (CUNHA,  
11 1978; ARRUDA, 1978; BRANCO, 1979) e d) as estruturas oracionais  
12 complexas (RODRIGUES, 1975; CARDOSO, 1976; ROMUALDO,  
13 1975; MORAIS, 1971) entre outros. Concernente aos estudos comparati-  
14 vos entre línguas, dá-se destaque ao trabalho de Senday (1975) que com-  
15 para o português e o espanhol no que se refere aos clíticos. Todos esses  
16 trabalhos foram de extrema importância para o avanço dos estudos lin-  
17 guísticos que se desenvolveram à luz da teoria gerativista.

18           Alguns anos depois, tomou fôlego no Brasil a abordagem do mo-  
19 delo de princípios e parâmetros, após a publicação das teses de Milton do  
20 Nascimento (1984) e Moreira da Silva (1983) na França. Charlotte Gal-  
21 ves também figura como uma das pioneiras dos estudos nesse modelo  
22 com trabalhos acerca do objeto nulo referencial (1984), das particulari-  
23 dades das construções com o pronome *SE* (1986) e do enfraquecimento  
24 da concordância no português brasileiro (PB) (1993).

25           A partir do acima exposto, é fundamental entendermos, em linhas  
26 gerais, em que consiste a teoria gerativa desenvolvida por Noam Cho-  
27 msky (1981, 1986) para a compreensão da nossa proposta de reflexão,  
28 tomando por base sua concepção de língua. Para o gerativismo, a mente é  
29 organizada em faculdades e cada uma delas apresenta princípios pró-  
30 prios, entre elas, a faculdade da linguagem, que diferencia o homem dos  
31 animais.

32           Nessa perspectiva, a língua é “um conjunto (finito ou infinito) de  
33 frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um con-  
34 junto finito de elementos” (CHOMSKY, 2002, p. 13), vale esclarecer que  
35 é a recursividade que faz com que se produzam frases infinitamente. Al-  
36 guns conceitos que emergem da teoria gerativa são importantes para a re-  
37 flexão aqui proposta, como os conceitos de competência, desempenho e  
38 gramática universal. Foi partindo dos conceitos aqui apresentados que  
39 desenvolvemos nossa pesquisa e nossa reflexão acerca da influência/in-

1 terferência que o português brasileiro (PB) exerce sobre o espanhol euro-  
2 peu (EE), no que concerne ao parâmetro do sujeito nulo. Para tanto, en-  
3 trevistamos falantes de língua espanhola, nativos da Europa e que resi-  
4 dem no Brasil há mais de 10 anos, a fim de identificar tais interferências.

## 6 2. *Fundamentação teórica*

7 A história do comparativismo nos estudos linguísticos data de  
8 muitas décadas. A linguística comparativa constituiu-se no século XIX a  
9 partir dos trabalhos de Franz Bopp (1816; 1833 – 1852). A princípio, o  
10 objetivo das comparações era relacionar línguas para estabelecer o grau  
11 de parentesco existente entre elas. Nesse mesmo contexto, surgiram ou-  
12 tros nomes de pesquisadores que se debruçavam sobre a língua sob a  
13 perspectiva comparativista. Entre eles, podemos citar Max Muller, com  
14 estudos comparativos (*Lições Sobre a Ciência da Linguagem*, 1816),  
15 Ernst Curtius (*Princípios de Etimologia Grega*, 1879) que conciliou a  
16 gramática com a filologia clássica, e August Schleider (*Breviário de*  
17 *Gramática Comparada das Línguas Indo-germânicas*, 1816).

18 Todos esses estudos, contudo, apesar de terem métodos, chegarem  
19 a objetivos preestabelecidos cientificamente, não instituíram a linguística  
20 como ciência da linguagem, fato que só ocorreu a partir dos estudos de  
21 Ferdinand de Saussure, período em que a linguística, sob influência do  
22 positivismo, torna-se uma ciência autônoma, independente de outros es-  
23 tudos (literários, filosóficos, lógicos, históricos). É com Ferdinand de  
24 Saussure, portanto, que a linguística passa a ganhar seu *status* como ci-  
25 ência da linguagem:

26 De modo geral, desde a fase gramatical iniciada pelos gregos, passando  
27 pela filológica, pela gramática comparada e pela neogramática, os estudos ti-  
28 nham um caráter histórico das línguas e não conseguiam delimitar um objeto  
29 de estudo. Somente no início do séc. XX, a partir da publicação, em 1916, do  
30 *Curso de Linguística Geral* (CLG) organizado pelos alunos Bally e Secheyay  
31 e baseado nas ideias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure, que a Lin-  
32 guística passou a ser considerada ciência. (SOARES SALGADO, 2009, p.  
33 93).

34 Com o passar dos tempos, os objetivos dos estudos comparativis-  
35 tas foram expandindo seus horizontes, modificando-se, a fim de respon-  
36 der às demandas que surgiam. Desse modo, comparar apenas para identi-  
37 ficar parentescos linguísticos não era suficiente para dar conta dos ques-  
38 tionamentos que emergiam juntamente com as demandas dos diferentes  
39 contextos históricos e sociais. Foram, assim, estabelecidos os alicerces da

1 gramática comparada, que não tardaria a adquirir caráter científico, gra-  
2 ças ao trabalho de Rasmus Rask (1814), na Dinamarca, e Jacob Grimm  
3 (1819), na Alemanha.

4 Com a expansão do método comparativista, novos olhares foram  
5 lançados sobre o objeto de estudo da linguística, de modo que a descrição  
6 histórica não era mais o objetivo principal das reflexões, abrindo espaço  
7 para o estudo da linguagem em si e seu caráter social. Surgem novas es-  
8 colas linguísticas, como o estruturalismo europeu, representado por Fer-  
9 dinand Saussure, e o estruturalismo americano, representado por Leonard  
10 Bloomfield.

11 Até esse momento, o contexto linguístico frásico e as estruturas  
12 sintáticas não eram exploradas a partir de uma visão inatista de língua, o  
13 que só aconteceu mais à frente com a publicação de *Syntactic Structures*  
14 (*Estruturas Sintáticas* (1957), de Noam Chomsky, dando surgimento a  
15 uma nova perspectiva teórica: o gerativismo. Apesar das inúmeras críti-  
16 cas, a teoria chomskyana tem oferecido diversas contribuições para a  
17 Linguística enquanto ciência e, além disso, tem reformulado seus mode-  
18 los teóricos com o passar dos anos. É em 1981 que Noam Chomsky pro-  
19 põe o modelo de princípios e parâmetros, quando os estudos da sintaxe  
20 comparativa tomam fôlego:

21 Uma linha de investigação bastante profícua nos últimos anos tem sido a  
22 da sintaxe comparativa, especialmente para análises que têm correlacionado  
23 fenômenos de variação linguística à linguística formal, e a gramática gerativa  
24 chomskyana tem fornecido o suporte teórico indispensável para as análises  
25 empreendidas (MOURA, 2005, p. 49).

26 Com base nessa sintaxe comparativa, oriunda das reformulações  
27 estabelecidas por Noam Chomsky, e na teoria do modelo de princípios e  
28 parâmetros, que estabelecemos comparação entre a língua portuguesa e a  
29 Espanhola, mais especificamente, o português brasileiro e o espanhol pe-  
30 ninsular, falado por nativos residentes no Brasil, tomando por base a in-  
31 terferência daquela nesta, em relação ao parâmetro do sujeito nulo (pa-  
32 râmetro do sujeito nulo). Para o entendimento da variação sob a perspec-  
33 tiva de análise aqui adotada, é imprescindível assumirmos a existência da  
34 gramática universal composta por princípios (propriedades invariantes  
35 das línguas) e por parâmetros, responsáveis pelas variações entre as lín-  
36 guas, cujo valor positivo ou negativo será fixado pela criança em proces-  
37 so de aquisição.

38 Todas as línguas naturais têm a posição de sujeito projetada, ga-  
39 rantindo assim a existência na gramática universal do princípio de proje-

1      ção estendida (*Extended Projection Principle* - EPP). O que as difere é,  
2      portanto, o modo como essa posição é preenchida: se por um sujeito ple-  
3      no, se por um sujeito nulo (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1989, 1997). Jean-  
4      Yves Pollock (1998) afirma que o objetivo dos estudos no âmbito da sin-  
5      taxte comparativa é correlacionar as variações sintáticas evidenciadas en-  
6      tre diferentes línguas ou entre diferentes estágios de uma mesma língua.

7              A sintaxe comparativa diferencia-se, por exemplo, da perspectiva  
8      comparativa dos neogramáticos que comparavam a língua a fim de bus-  
9      car sua familiaridade a partir de um viés histórico. O objeto de estudo  
10     deixa de ser, primordialmente, histórico, abrindo espaço para investiga-  
11     ções psicológicas (cognitivas) e interagindo, assim, com outras áreas de  
12     estudo, como a psicolinguística e a própria psicologia. Acerca dessa dife-  
13     renciação, Maria Denilda Moura e Jair Farias (2005, p. 53) corrobora  
14     que:

15                    [a] nova sintaxe comparativa difere da tradição comparativa clássica no que se  
16                    refere ao seu objetivo fundamental que não é histórico, mas psicológico: o ob-  
17                    jetivo fundamental do programa não dá conta do desenvolvimento das línguas,  
18                    (mesmo que existam consequências significativas para a Linguística Históri-  
19                    ca), mas dá conta do objeto cognitivo, o conhecimento da língua que os falan-  
20                    tes partilham e a aquisição desse conhecimento.

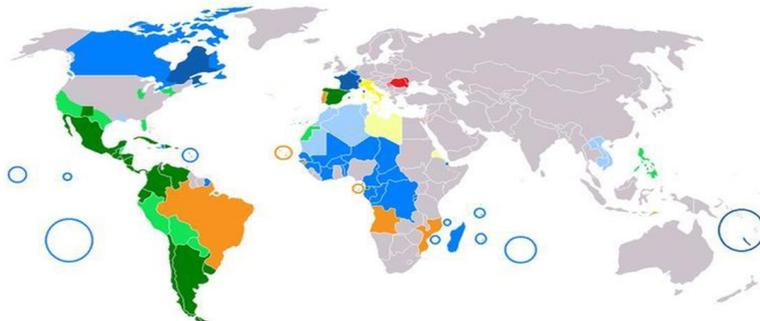
21              Refletindo acerca de aspectos concernentes à linha da sintaxe  
22      comparativa, Luigi Rizzi (1989) afirma que a questão da aquisição e do  
23      inatismo, perspectiva segundo a qual existe um eixo biológico comum a  
24      todos no estágio inicial da aquisição de línguas, é um dos problemas em-  
25      píricos fundamentais do programa, bem como a necessidade de se reco-  
26      nhecer o papel da experiência e das propriedades intrínsecas no processo  
27      linguístico. Maria Denilda Moura e Jair Farias (2005) afirmam ainda que,  
28      para podermos identificar o que diferencia e o que aproxima as diferentes  
29      línguas, no que concerne à sintaxe, é necessário um estudo comparativo  
30      que possibilite aos pesquisadores reconhecer o papel das experiências e  
31      das propriedades intrínsecas no desenvolvimento do saber linguístico do  
32      falante adulto. É exatamente nessa perspectiva que se enquadra nossa  
33      pesquisa, pois não desconsideramos o histórico social do falante adulto.

34              Ainda sobre a sintaxe comparativa, Richard S. Kayne (1996-  
35      2000) a considera como uma nova faceta da teoria sintática por ser de  
36      grande importância para uma melhor compreensão da fixação de parâme-  
37      tros em línguas e dialetos estudados sob esta perspectiva. O autor advoga  
38      que o viés comparativista colabora para a compreensão das propriedades  
39      da língua que não são universais e que tal investigação deve ocorrer junto  
40      ao estudo de suas propriedades universais, tendo em vista que as proprie-

1 dades universais (princípios) interagem com as não universais (os parâ-  
2 metros). Sobre os estudos paramétricos, Mary Aizawa Kato (2002 *apud*  
3 MOURA & FARIAS, 2005, p. 54) afirma:

4 Na linguística gerativa a preocupação com a diversidade sintática só é  
5 manifestada explicitamente no modelo de princípios e parâmetros a partir da  
6 década de oitenta (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986). Até então, a preocupação  
7 primordial era determinar os princípios invariantes que governam as línguas e  
8 não o que permitia sua diversidade. Com a introdução da noção de parâ-  
9 metros, há uma explosão de trabalhos empíricos em linguística comparativa, his-  
10 tórica e psicolinguística.

11 Tomando como exemplo as línguas românicas, podemos afirmar  
12 que todas apresentam princípios e parâmetros. Como exemplo de princí-  
13 pio, podemos citar o fato de que todas projetam a posição de sujeito. Esse  
14 princípio, na gramática gerativa, denomina-se princípio de projeção es-  
15 tendida. Como parâmetro a esse princípio, tem-se o fato de as línguas  
16 preencherem ou não a posição do sujeito por pronomes realizados foneti-  
17 camente (plenos). Desse modo, os princípios aproximam as línguas, ao  
18 passo que os parâmetros podem diferenciá-las.



19 **■ castelhano ■ português ■ francês ■ italiano ■ romeno**

20 **Imagem 1: Mapa das línguas românicas**

21 Chamamos línguas românicas todas as línguas oriundas do latim,  
22 mais especificamente, do latim vulgar. Trata-se da união entre a língua  
23 latina e as línguas trazidas pelos chamados “invasores bárbaros” no sécu-  
24 lo IV. Entre o latim e as chamadas línguas românicas, ou neolatinas, sur-  
25 giram várias línguas chamadas romances. São exemplos de línguas ro-  
26 mânicas o castelhano (ou espanhol), o português, o francês, o italiano e o  
27 romeno (observe o mapa abaixo). Interessa-nos nesta pesquisa, especifi-  
28 camente, o espanhol e o português falado no Brasil, embora dados em

1 outras línguas possam ser apresentados para facilitar a compreensão da  
2 reflexão aqui proposta.

3 A posição obrigatória de sujeito é, portanto, sob a perspectiva da  
4 gramática gerativa, um princípio linguístico presente em todas as línguas.  
5 Ao contrário do que é enunciado nas gramáticas normativas de que há  
6 oração sem sujeito, quando construída por verbos meteorológicos e im-  
7 pessoais.

8 A partir de um estudo comparativo entre línguas, observarmos a  
9 existência de sujeito nesses contextos. Por exemplo, em uma oração  
10 construída com o verbo “chover, verificamos que, na posição sujeito, há  
11 um sujeito sintático realizado foneticamente (ou seja, um expletivo ple-  
12 no) em línguas como o inglês (1a) e o francês (1b), ou um nulo expletivo  
13 (*pro<sub>expl</sub>*) em línguas como o espanhol (2a) e o português brasileiro (2b):

(1) a. <b>It</b> rained yesterday.	(2) a. ____ llovió ayer.
b. <b>Il</b> a plu hier	b. ____ choveu ontem

14 Acerca do sujeito e seu comportamento nas línguas românicas,  
15 podemos afirmar que, em relação ao parâmetro do sujeito nulo, as lín-  
16 guas românicas apresentam comportamentos diferenciados. À guisa de  
17 exemplo, o espanhol é considerado uma língua de sujeito nulo prototípica  
18 [+ *pro-drop*], enquanto o português brasileiro vem perdendo a marcação  
19 positiva, passando a ser considerada uma língua semi-*pro-drop*:

20 Chomsky (1981) e Rizzi (1988: 15) deixam claro que, nas línguas româ-  
21 nicas de sujeito nulo, seu apagamento é uma obrigação, não uma opção. Se-  
22 gundo Duarte (1995: 29), “a *opção* parece ficar por conta do uso pronome  
23 pleno quando a interpretação estiver comprometida”. É o que ocorre no espa-  
24 nhol e no italiano e, exceto pelas orações relativas, no português europeu.  
25 (SILVA, 2006, p. 21)

26 No português brasileiro, o sujeito nulo demanda obrigatoriedade  
27 em alguns contextos, como em contextos de orações encaixadas com su-  
28 jeitos correferentes e em orações imperativas, por exemplo. Contudo, al-  
29 gumas mudanças vêm favorecendo o preenchimento da posição sujeito,  
30 afastando o português brasileiro do português europeu no que diz respei-  
31 to ao parâmetro do sujeito nulo, principalmente pelo enfraquecimento da  
32 morfologia de flexão verbal “[n]o português brasileiro há uma frequência  
33 substancial do preenchimento da posição pré-verbal do sujeito com pro-  
34 nomes plenos, ao contrário do português europeu”. (SILVA, 2004, p.  
35 288)

36

1

Contextos		PB		EE	
		SN	SP	SN	SP
Orações coordenadas	Sujeitos correferentes	x		x	
	Sujeitos não correferentes	x	x		x
Orações subordinadas completivas	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	x	x	x	-
Orações subordinadas adverbiais	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não correferentes		x	x	-
Orações adverbiais gerundivas	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	-	-	-	-
Orações adverbiais Participiais	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	-	-	-	-
Orações adverbiais Finitas	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não correferentes	x	x	x	x
Contextos de pergunta-resposta com focalização do sujeito		-	x	-	x
Orações imperativas		x	-	x	x
Respostas a interrogativas QU- que não incidem sobre o sujeito		x	x	x	-
Respostas a interrogativas totais		x	x	x	-
Interrogativas “tags”		x	x	x	-

**Resumo dos contextos de sujeitos nulos e plenos  
na gramática adulta do português brasileiro e do espanhol europeu**

Vale referirmos que uma proposta de explicação para o preenchimento ou não da posição de sujeito nas línguas românicas advém das reflexões de Knut Tarald Taraldsen (1978) que afirma que as línguas que possuem flexão verbal rica apresentam sujeito nulo, ao contrário das línguas que apresentam flexão verbal pobre, cujos sujeitos precisam, obrigatoriamente, ser realizados foneticamente.

Se compararmos uma língua considerada de flexão verbal pobre como o inglês a línguas de flexão verbal rica como o espanhol e o português europeu, podemos observar que, nestas, as desinências verbais de flexão podem identificar e recuperar o sujeito nulo. Observemos, a se-

1 guir, a conjugação do verbo cantar em inglês (*to sing*), espanhol e em  
2 português europeu no presente do indicativo:

INGLÊS	ESPAÑHOL	PE
I <b>sing</b>	(yo) canto	(eu) canto
You <b>sing</b>	(tu) cantas	(tu) cantas
He <b>sings</b>	(el) canta	ele canta
We <b>sing</b>	(nosotros) cantamos	(nós) cantamos
You <b>sing</b>	(vosotros) cantáis	(vós) cantais
They <b>sing</b>	(ellos) cantan	(eles) cantam

3

4

Conjugação do verbo cantar em inglês, espanhol e português europeu

5

6

Não obstante, essa interface entre a morfologia e a sintaxe é refutada por alguns teóricos que utilizam como argumento línguas que não possuem um paradigma flexional rico e licenciam sujeitos nulos como é o caso do chinês (cf. HUANG, 1984; MODESTO, 2004). Segundo Humberto Soares da Silva (2006, p. 21):

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

A partir do trabalho de Cheng-Teh James Huang (1984), que encontrou sujeitos nulos em línguas como o chinês, que apresenta uma flexão pobre (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa), novas hipóteses sobre o licenciamento do sujeito nulo tiveram que ser levantadas. De acordo com Jaeggli & Safir (1989), não é um paradigma rico ou forte o que licencia o apagamento do sujeito, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de formas “derivadas” (com desinências) ou “não derivadas” (só com o radical). Um paradigma contendo, simultaneamente, formas derivadas e não derivadas, segundo os autores, não licencia o sujeito nulo.

19

20

21

22

23

24

25

26

27

A argumentação de Cheng-Teh James Huang defende, a partir de dados da língua chinesa, que a presença de argumentos nulos no chinês está diretamente atrelada a outro parâmetro, que diferencia línguas orientadas para a sentença e línguas orientadas para o discurso, argumento ponderado em princípio por Tsao (1977). Sobre o assunto, Cláudia Roberta Cláudia Roberta Tavares Silva (2004, p. 286), citando Cheng-Teh James Huang (1989, p. 187) observa, ao analisar uma frase como *Zhangsan shuo [e hen xihuan Lisi]*. (“Zhangsan disse que (ele) gostou de Lizi”), a autora verifica que

28

29

30

31

32

o sujeito nulo da oração subordinada representado por *e* pode referir-se ou ao sujeito da oração matriz *Zhangsan*, isto é, pode ser controlado por este último sujeito que está numa posição mais alta na estrutura frásica, ou pode referir-se a alguma outra pessoa cuja referência já é dada no domínio do discurso que seria correspondente a um tópico do discurso.

33

34

Acredita-se, portanto, que o chinês é uma língua orientada para o discurso. No concernente ao português brasileiro, muitos estudos têm de-

1 fendido a mesma visão no sentido de que é uma língua orientada para o  
2 tópico. (Cf. KATO & DUARTE, 2005; DUARTE, 1993; FIGUEIREDO  
3 SILVA, 1996; COSTA, 2011).

4 A observação de algumas destas diferenças *entre o PB e o PE* leva alguns  
5 autores a propor que o PB se tenha distanciado do PE por se ter tornado uma  
6 língua de proeminência de tópico, no sentido de Li e Thompson (1976), adqui-  
7 rindo um estatuto de língua orientada para o discurso. (FIGUEIREDO SILVA,  
8 1996, *apud* DUARTE & KATO, 2008).

9 Como características de línguas orientadas para o discurso, pode-  
10 mos elencar, apoiados em João Costa (2011, p. 129), os seguintes aspec-  
11 tos retirados do mesmo autor:

- 12 1. Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos
- 13 2. Sujeitos lexicais locativos e dêiticos (DUARTE, 2004)
- 14 3. Construções existenciais personalizadas com a inserção de  
15 pronomes
- 16 4. Hiperelevação do sujeito com “parecer” (FERREIRA, 2000 *et*  
17 *al*)
- 18 5. Ergatização de verbos transitivos
- 19 6. Elevação de genitivos em construções inacusativas

20 Vejamos agora a conjugação do verbo *chanter* (cantar) em francês  
21 no presente do indicativo, uma língua românica que, devido a mudanças  
22 históricas, não mais licencia sujeitos nulos<sup>1</sup>, fixando, portanto, o valor  
23 negativo do parâmetro do sujeito nulo:

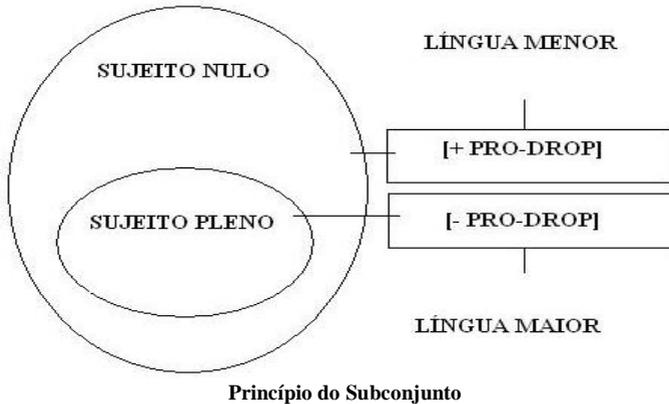
<b>Je</b> chante une chanson	*chante une chanson
<b>Tu</b> chantes une chanson	*chantes une chanson
<b>Il</b> chante une chanson	*chante une chanson
<b>Nous</b> chantons une chanson	*chantons une chanso
<b>Vous</b> chantez une chanson	*chantez une chanson
<b>Ils</b> chantent une chanson	*chantent une chanson

24  
25 Conjugação do verbo *chanter* (cantar) em francês

---

1 Todas as formas rizotônicas do francês, em que pesem as diferenças morfológicas são pronunciadas da mesma forma (*lchât*), de modo que apenas as arrizotônicas *chantons* e *chantez* se distinguem claramente; daí a necessidade do uso dos pronomes pessoais na conjugação francesa, diferentemente das outras línguas (BASSETTO, 1999, p. 61-67)

1 Raposo (1992), citando os trabalhos de Berwick (1982) e Wexler e  
2 Manzini (1987), observa que o valor negativo de um parâmetro é um  
3 subconjunto do positivo, o que culmina na chamado Princípio do Sub-  
4 conjunto. Para clarificarmos essa ideia, veja-se a seguinte figura<sup>2</sup>:



5  
6

7 Se adotássemos a teoria do subconjunto, classificaríamos o portu-  
8 guês brasileiro como uma língua [+*pro-drop*] por licenciar, em algumas  
9 situações, sujeitos nulos. Essa perspectiva, contudo, é cada vez menos  
10 aceita, pois diversas pesquisas têm atestado que o português brasileiro  
11 vem apresentando proporções cada vez maiores de sujeitos plenos, como  
12 bem afirma Humberto Soares da Silva (2006, p. 29):

13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20

De acordo com a teoria do Subconjunto, o português seria considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir o apagamento, o que é compatível com o que as gramáticas tradicionais pregam. Porém, inúmeros trabalhos mostram que as taxas de preenchimento do sujeito no português brasileiro são cada vez maiores [...] Estamos, então, diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês.

21  
22  
23  
24  
25

Analisando o preenchimento da posição sujeito e sua relação com a morfologia de flexão verbal nas línguas românicas sob a perspectiva da gramática gerativa, cabe uma análise dessa temática a partir do viés da gramática normativa.

---

2 Imagem retirada de Humberto Soares da Silva (2006, p. 29).

## 2.1. O preenchimento do sujeito no português brasileiro e no espanhol: sob o viés da gramática normativa

A concepção de sujeito na perspectiva da gramática normativa é bem diferenciada da visão da gramática gerativa. Vale, primeiramente, diferenciarmos a gramática normativa da gerativa. A gramática gerativa tem como objetivo não apenas descrever, mas explicar o conhecimento linguístico internalizado, opondo-se assim ao modelo distribucional e aos constituintes imediatos, ambos de caráter estruturalista por fazerem parte de uma linha teórica que busca compreender a criatividade do falante, sua capacidade de produzir e compreender sentenças inéditas. Enfim, a gramática gerativa está diretamente relacionada aos questionamentos chomskianos acerca da linguagem. (CHOMSKY, 1994, p. 23):

- O que constitui o conhecimento da língua?
- Como é adquirido o conhecimento da língua?
- Como é usado o conhecimento da língua?

As respostas a tais questionamentos estão na base das investigações gerativistas. Como consequência da primeira pergunta, temos um dos pilares de investigação da gramática gerativa; em resposta à segunda pergunta, entra-se no campo da aquisição da linguagem, nas especificidades da gramática universal e na sua maneira de interação com a experiência; já a terceira questão encontra base na teoria do desempenho linguístico. Segundo Celso Novaes (2006, p. 1)<sup>3</sup>

A gramática gerativa preocupa-se prioritariamente com a caracterização dos estados mentais correspondentes ao conhecimento gramatical que um indivíduo normal tem de uma língua particular. (...). Tal caracterização deve, segundo Chomsky (1986), ser adequada tanto do ponto de vista descritivo quanto do ponto de vista explicativo. A adequação explicativa pressupõe que a descrição de uma gramática particular deva ser compatível com o modo como as crianças adquirem a linguagem.

Ao contrário da gramática gerativa, a gramática normativa, por sua vez, tem como ponto fulcral a prescrição, limitando e determinando as regras do “bem falar e escrever”. Seu objetivo é determinar a estrutura “ideal” que, devido ao seu caráter prescritivo, deve ser seguida como a única aceitável.

---

<sup>3</sup> Texto intitulado *Teorias da linguagem: a gramática Gerativa e as patologias da linguagem*, referente à palestra apresentada em 26/05/2006 no II Fórum de linguagem, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1 De início, lancemos mão de uma discussão que há muito persiste  
2 quando pensamos o sujeito sob a ótica da gramática normativa: o sujeito  
3 é um termo essencial da oração. Ora, não estamos em desacordo com tal  
4 afirmação, pelo contrário, corroboramos que o sujeito, mesmo que não se  
5 realize foneticamente, sempre estará presente em todas as orações, con-  
6 forme já enunciado na seção anterior.

7 A grande questão é que a gramática normativa, ao mesmo tempo  
8 em que afirma a essencialidade do sujeito para a oração, afirma também  
9 a existência de orações sem sujeito, em caso de orações construídas com  
10 verbos impessoais, por exemplo. Desse modo, para os adeptos da gramá-  
11 tica normativa, “alguns verbos não possuem sujeito, constituindo, portan-  
12 to, orações sem sujeito”. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 129), configu-  
13 rando-se assim em uma incoerência: se o sujeito é essencial, como ele  
14 inexistente em alguns casos? Resolvendo a questão, assumimos, a partir do  
15 viés teórico da gramática gerativa, o princípio de projeção estendida já  
16 apresentado na seção anterior, que postula que toda oração possui uma  
17 posição de sujeito.

18 Recorrendo a diferentes gramáticas normativas da língua portu-  
19 guesa, percebemos que em geral se confunde a noção de sujeito com a  
20 noção de tópico, atribuindo àquele uma noção discursiva e não sintática.

21 \* Rocha Lima (2002, p. 234): “Sujeito é o ser de quem se diz algo”.

22 \* Celso Pedro Luft (2002, p. 45): “Sujeito é o ser de quem se diz alguma  
23 coisa, é o elemento com o qual concorda o verbo”.

24 \* Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 122): “O sujeito é o ser sobre o  
25 qual se faz uma declaração”.

26 \* Ernani Terra (1996, p. 203):

27 Num enunciado completo, sempre nos é dada uma informação a respeito  
28 de alguém ou de alguma coisa. O elemento a respeito do qual se informa algo  
29 se denomina sujeito. A informação propriamente dita recebe o nome de predi-  
30 cado. (...) Em síntese, Sujeito é o elemento da oração sobre o qual se emite  
31 uma informação.

32 \* Faraco e Moura (1994, p. 113): “Sujeito é o termo que denota o ser a  
33 respeito de quem ou de que se faz uma declaração”.

34 É fato que há casos em que o sujeito pode ser o tópico no caso de  
35 este ser não-marcado (Ex.: João comeu o bolo) e há casos em que o sujei-  
36 to não é o tópico pelo fato de este ser marcado, por exemplo, na frase, *o*  
37 *bolo*, *João comeu*, em que o sintagma nominal “bolo” é o tópico-

1 marcado (cf. DUARTE, 2003). Sobre os estudos realizados, por exemplo,  
2 acerca do tópico-marcado, e Mônica Tavares Orsini e Mayara Nicolau de  
3 Paula (2011, p. 237) afirmam que:

4 [n]o que diz respeito ao Português Brasileiro (PB), alguns estudos já foram  
5 feitos sobre as construções de tópico marcado, expressão utilizada por Mateus  
6 (2003), tendo sido precursor o trabalho de Pontes (1987). É possível identi-  
7 ficar no PB quatro estratégias distintas de construções de tópico marcado, a sa-  
8 ber: anacoluto ou tópico pendente, topicalização, deslocamento à esquerda e  
9 tópico-sujeito. (Cf.: PONTES 1987 *apud* BERLINCK, DUARTE & OLIVEI-  
10 RA, 2009)

11 No tópico marcado anacoluto, não há ligação sintática entre o tó-  
12 pico e o comentário (ou seja, o que se diz acerca do tópico), mas apenas  
13 relação semântica; na topicalização, o tópico apresenta relação sintática  
14 com uma categoria vazia (representada aqui pelo tracejado \_\_\_ ) do co-  
15 mentário; no tópico-sujeito, o tópico é reinterpretado como sujeito da  
16 sentença; no deslocamento à esquerda, há elementos externos à sentença  
17 que são retomados no interior do comentário por meio de um pronome  
18 equivalente ou outro elemento. Sobre os tipos de tópicos marcados e para  
19 uma melhor compreensão de sua natureza, vejamos exemplos retirados  
20 das mesmas autoras:

21 ***Anacoluto:***

22 (3) A seleção brasileira, quando começou a copa do mundo, um campeonato  
23 que é pra valer mesmo a coisa muda de figura. (fala popular).

24 ***Topicalização:***

25 (4) Banana frita ; de vez em quando a gente faz \_\_\_ ; (fala culta).

26 ***Tópico-sujeito:***

27 (5) As casas antigas eram famílias grandes. (fala culta).

28 ***Deslocamento à esquerda:***

29 (6) Os vizinhos<sub>i</sub>, qualquer coisa eles<sub>j</sub> comunicam à gente. (fala popular).  
30 (ORSINI & PAULA, 2011, p. 240)

31 O tópico é, portanto, um termo que torna explícita a pessoa ou  
32 coisa acerca da qual tecemos um comentário que, embora ocorra com  
33 frequência, nem sempre é correlato ao sujeito sintático que pode ser ar-  
34 gumental ou não, neste último caso, em se tratando dos epletivos.

35 Centrando agora nossa atenção na gramática normativa da língua  
36 espanhola, observamos que se conceitua sujeito da mesma maneira que a

1 gramática da língua portuguesa, apresentando os mesmos problemas  
2 conceituais. Sobre esses problemas, Carmen Lepre (2006)<sup>4</sup> afirma:

3 Es seguro que si preguntamos ¿Qué es el sujeto? obtendremos respuestas  
4 variadas y válidas todas, en tanto respondan a fundamentaciones que las sus-  
5 tenten. Ser "aquello de lo que se habla en la oración", o el sintagma que "con-  
6 cuerde en número y persona con el verbo", o el "argumento externo" del ver-  
7 bo, no son más que distintos aspectos parciales de una misma y compleja rea-  
8 lidad.

9 No que diz respeito à língua espanhola, recorreremos a diferentes  
10 gramáticas normativas e verificamos os seguintes conceitos de sujeito:

11 \*Andrés Bello (2004, p. 61):

12 Tomemos una frase cualquiera sencilla, pero que haga sentido completo,  
13 verbigracia: el niño aprende, los árboles crecen. Podemos reconocer en cada  
14 una de estas dos frases, dos partes diversas: la primera significa una cosa o  
15 porción de cosas, el niño, los árboles; la segunda da a conocer lo que acerca de  
16 ella o ellas pensamos, aprende, crecen. Llámase la primera sujeto o supuesto,  
17 y la segunda atributo; denominaciones que se aplican igualmente a las pala-  
18 bras y a los conceptos que declaramos con ellas.

19 \* Aguirre (2004, p. 108): “Sujeto: Es el elemento de la oración del cual  
20 se dice algo”

21 \* Llorach (2000, p. 257):

22 el sujeto y el predicado, que se entienden tradicionalmente como “aquello de  
23 que se dice algo” el primero, y el segundo “lo que se dice del sujeto” (...) el  
24 signo gramatical o morfológico del verbo funciona como el auténtico sujeto  
25 (esto es, la persona designada por la terminación verbal), y que debe llamarse  
26 sujeto gramatical o, si se prefiere, sujeto personal.

27 É importante pontuarmos que há uma ênfase dada às desinências  
28 número-pessoais que são capazes de recuperar os traços gramaticais do  
29 sujeito oculto (também denominado sujeito gramatical): “las terminacio-  
30 nes verbales señalan la persona que funciona como sujeto gramatical y  
31 no hace falta un sujeto explícito si la situación es inequívoca”. Emilio  
32 Alarcos Llorach, (2000, p. 199). Segundo o linguista espanhol Olga Fer-  
33 nández Soriano (1999, p. 1224):

34 El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una  
35 oración como *Ella ha venido* existe la posibilidad de la paralela sin pronom-  
36 bre, *Ha venido* (...) Así, nuestra lengua difere de otras, como el inglés, que só-  
37 lo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece

---

4 El sujeto en la *Gramática de la lengua española*, de Emilio Alarcos Llorach, por Carmen Lepre, disponible em: <http://www.elcastellano.org/ns/edicion/2006/septiembre/sujeto.html>

1 expresado (He saw her). Esta posibilidad, que se da también en italiano y en  
2 otras lenguas no emparentadas, se ha puesto en relación con la riqueza que  
3 presenta el paradigma verbal, es decir, con el hecho de que la desinencia flexi-  
4 va del verbo permita, por sí sola, distinguir entre las distintas personas gramá-  
5 ticales.

6 No dicionário da Real Academia Espanhola, o sujeito é definido  
7 como uma função oracional, ou seja, um termo sintático:

8 Función oracional desempeñada por un sustantivo, un pronombre o un  
9 sintagma nominal en concordancia obligada de persona y de número con el  
10 verbo. Pueden desempeñarla también cualquier sintagma o proposición sus-  
11 tantivados, con concordancia verbal obligada de número en tercera persona<sup>5</sup>.

12 Embora a definição de sujeito esteja em concordância nas gramá-  
13 ticas normativas das línguas portuguesa e espanhola, existem situações  
14 em que a gramática da língua espanhola exige que o sujeito seja realizado  
15 foneticamente na oração. Observemos alguns exemplos<sup>6</sup> desse preenchi-  
16 mento:

17 a) Em situações em que o sujeito é o foco oracional e recebe acen-  
18 to contrastivo – que não pode recair sobre um elemento sem  
19 conteúdo fonético (RIZZI, 1988, p. 15), como se observa em  
20 (7):

21 (7)

22 – ¿Quién ha sido?

23 – He sido **yo**.

24 \* \_\_\_ He sido.

25 b) Em situações em que pronome se associa a um elemento adjeti-  
26 val (8) ou apositivo (9):

27 (8)

28 Tú *solo* lo hiciste/ \* \_\_\_ *Solo* lo hiciste. Él *mismo* lo ha resuelto./ \* \_\_\_  
29 *Mismo* lo ha resuelto.

30 (9) Tú, *que tienes dinero*, podrás venir. / \* \_\_\_\_, *que tienes dinero*, podrás  
31 venir.

---

5 Definição que se encontra no site da Real Academia Espanhola. Disponível em:  
<<http://lema.rae.es/drae/?val=sujeto>>.

6 Os exemplos 9, 10 e 11 retirados de Humberto Soares da Silva (2006, p. 44).

1 c) Em situações específicas, para se evitar ambiguidades:  
2 “[c]uando se muda súbitamente el sujeto, es preciso expresar el  
3 nuevo. Los demostrativos tácitos que frecuentemente sirven de  
4 sujetos pueden ocasionar ambigüedades ” (BELLO, 2004, p.  
5 287). E “[a] expressão do sujeito é uma opção marcada,  
6 funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para  
7 desfazer ambigüidade”. (SILVA, 2006, p. 20). Observe-se o  
8 exemplo (10):

9 (10) Si la nación no ama al rey, es porque *se* deja llevar de perniciosas  
10 influencias.

11 (BELLO, 2004, p. 287)

12 Percebemos que o preenchimento da posição sujeito pelo prono-  
13 me *se* (que pode fazer referência tanto à *nação* quanto *ao rei* na oração  
14 acima dificulta a recuperação da informação (não se sabe quem se deixa-  
15 va levar por influências perniciosas). Desse modo, para evitarmos a am-  
16 bigüidade, temos os exemplos a seguir:

17 (11)

18 a. Si la nación no ama al rey, es porque *el rey* se deja llevar de  
19 perniciosas influencias.

20 b. Si la nación no ama al rey, es porque *él* se deja llevar de  
21 perniciosas influencias.

22 c. Si la nación no ama al rey, es porque *ella* se deja llevar de  
23 perniciosas influencias.

24 d. Si la nación no ama al rey, es porque *la nación* se deja llevar de  
25 perniciosas influencias.

26 Ainda a respeito da leitura contrastiva sobre os sujeitos plenos em  
27 línguas de sujeito nulo como o espanhol, Luigi Rizzi (1988, p. 15) afirma  
28 que

29 dada a existência de uma opção pronominal zero, em línguas como o italiano,  
30 a forma expressa será limitada aos casos nos quais é necessária, isto é, quando  
31 o sujeito pronominal, tendo valor focal ou contrastivo, deve ser enfatizado  
32 (evidentemente, um elemento nulo não pode indicar ênfase).

33 Segundo pontua Emilio Alarcos Llorach (2000, p. 73), em sua  
34 *Gramática de la Lengua Española*,

1 [e] morfema de persona incluido en el verbo distingue ya cuál de las tres funcio-  
2 nica como sujeto gramatical, y así no resulta muy necesaria la presencia de  
3 un sustantivo personal para señalar un sujeto explícito: en canto, cantas, canta,  
4 están ya expresas como sujeto las personas primera, segunda y tercera. No  
5 obstante, es frecuente la aparición de un personal en esa función de sujeto ex-  
6 plícito, y no solo en los casos de coincidencia fónica de las formas verbales  
7 (como cantaba, cantaría, cante, en que no se distingue la primera de la tercera  
8 persona), ni en el caso de la tercera persona (donde la distinción de géneros  
9 del personal puede aportar mayor precisión acerca de la referencia concreta al  
10 sujeto). También pueden aparecer yo y tú, aunque su referencia personal es  
11 evidente e inequívoca en cada acto de habla. Por tanto, la aparición de los sus-  
12 tantivos personales en estos casos de redundancia, tiene marcado carácter en-  
13 fático y expresivo, y trata de contraponer la persona aludida a las otras.

14 Da mesma maneira que o preenchimento da posição do sujeito  
15 obedece algumas restrições, o mesmo ocorre com o seu apagamento. Não  
16 é aleatoriamente que se decide, em língua espanhola ou no português fa-  
17 lado no Brasil, pelo preenchimento ou apagamento do sujeito:

18 Em se tratando de línguas *pro-drop*, como o italiano, o espanhol e o he-  
19 braico, tem sido sugerido, na maioria das vezes, que o licenciamento de uma  
20 categoria vazia (*pro*) na posição sujeito é opcional. No entanto, algumas pes-  
21 quisas, como a de Gonçalves (1994), têm evidenciado que essa opcionalidade  
22 é apenas “aparente”, haja vista que a legitimação dessa categoria está subme-  
23 tida a contextos estruturais específicos. (SILVA, 2004, p. 263)

24 Olga Fernández Soriano (1999, p. 1227) afirma que o apagamento  
25 ou não do pronomes sujeito está em distribuição complementar. Em al-  
26 guns contextos frasais, a não realização fonética do sujeito é obrigatória  
27 em espanhol. Observemos os exemplos (12) e (13):

28 (12) Pablo es mi amigo de trabajo hace años. *EL* es casado com Paula. *El*  
29 es estudiante de lenguas en la Universidad de Salamanca, pero *EL* se in-  
30 teresa también por matemáticas.

31 (13) *YO* llegué temprano a mi casa, pero *YO* no sabia que mi esposo tam-  
32 bién había llegado y, por eso, *YO* lo llamé por teléfono.

33 Em (12) e (13), sujeitos nulos são obrigatórios porque os verbos  
34 apresentam em suas desinências informações que recuperam os traços  
35 gramaticais do sujeito. Desse modo, o preenchimento da posição de su-  
36 jeito é considerado redundante e desnecessário. Em (12), por exemplo, os  
37 verbos *ser* e *interesar*, conjugados em 3ª pessoa do singular, dispensam  
38 outras informações (*es*, só pode referir-se a él, assim como *se interesa*);  
39 Em (13), os verbos *llegar* e *llamar*, conjugados em 1ª pessoa do singular  
40 só fazem referência ao pronomes *yo*, o que dispensa o preenchimento da  
41 posição de sujeito, bem como a presença do pronomes possessivo *mi* dire-

1 ciona-se para essa mesma pessoa. Em nenhuma dessas situações, encon-  
2 tramos uma necessidade de preenchimento por ênfase, contraste, desam-  
3 biguação ou distinção.

4 Nos tempos verbais compostos a seguir, a presença de um prono-  
5 me realizado foneticamente torna as sentenças agramaticais, como po-  
6 demos evidenciar em (14) e (15), fazendo-se obrigatória sua não-  
7 realização fonética.

8 (14) \**Habías tú afirmado* antes que no tenías interés en la cuestión.

9 (*Habías* já pressupõe o pronome *tú*)

10 (15) \**Habéis vuelto vosotros a hacer* lo mismo.

11 (*Habéis* já pressupõe o pronome *vosotros*)

12 Em contrapartida, nos tempos verbais em que não é possível dis-  
13 tinguir a primeira da terceira pessoa do singular a partir das especifica-  
14 ções da desinência número-pessoal, como mostram os exemplos (16) e  
15 (17), os pronomes devem ser realizados foneticamente.

16 (16) *Estaba yo sentada* oyendo las noticias cuando apareció tu hermana.

17 (*Estaba* pode referir-se a *yo* ou a *ella*)

18 (17) No *diría ella* tal cosa. (*Diría* pode referir-se a *yo* ou a *ella*)

### 20 3. *Procedimentos metodológicos*

21 A pesquisa desenvolvida teve como método o hipotético-dedutivo  
22 e como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico, aquele  
23 possibilitou estabelecer comparações em busca de uma possível interfe-  
24 rência morfossintática do português do Brasil no espanhol falado por na-  
25 tivos residentes no país há mais de dez anos, enquanto este proporcionou  
26 a análise quantitativa dos dados. Para tanto, foram analisadas construções  
27 frasais declarativas finitas selecionadas a partir de entrevistas informais  
28 realizadas.

29 Trabalhamos com um *corpus* sincrônico, visando à compreensão  
30 do parâmetro do sujeito nulo e verificando se, nos dados do espanhol em  
31 análise, é possível encontrarmos, por exemplo, contextos que seriam  
32 obrigatórios de sujeitos nulos e que têm sujeitos plenos.

### 3.1. População investigada e coleta e seleção dos dados

A população investigada é composta por nativos espanhóis residentes no Brasil há, pelo menos, 10 (dez) anos. Foram entrevistados estrangeiros com faixa etária entre 18 e 60 anos, oriundos de diferentes localidades da Espanha. Vale lembrar que essa escolha não foi pré-requisito para a seleção dos informantes, uma vez que nossa pesquisa está centrada na análise do espanhol peninsular das mais diferentes localidades da Espanha. A escolha pelo espanhol peninsular se deu por questões facilitadoras de contato com os informantes (vários informantes entrevistados com os quais já tínhamos contato prévio). Das informações extralinguísticas, interessou-nos apenas a idade e o tempo de permanência do nativo no país, este para termos uma ideia do período de contato entre as duas gramáticas e aquele para testarmos a hipótese de que os mais idosos são mais conservadores no que concerne à língua nativa, no sentido de que tendem a produzir muitos sujeitos nulos, sofrendo assim menos interferência do português brasileiro.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas informais para posterior etapa de transcrição. Foram entrevistados 10 (dez) nativos residentes no Brasil por meio de gravações de áudio em ambiente fechado para garantir a qualidade da gravação. As perguntas elaboradas foram adequadas a cada informante, a fim de incentivá-los a falar o máximo possível, com interferência mínima do pesquisador. As perguntas e respostas foram formuladas em língua espanhola e em situação de informalidade. Os primeiros 5 (cinco) minutos das gravações foram descartados e cada entrevista durou, em média, entre 30 e 40 minutos, totalizando cerca de 3 (três) a 4 (quatro) horas de gravação<sup>7</sup>. Para desenvolvermos o estudo, foram eleitas variáveis linguísticas e seus respectivos fatores a partir das quais os dados selecionados foram codificados.

#### 4. *Análise do corpus: resultados em breves palavras*

Analizamos o PNS no espanhol peninsular, comparando-o com os resultados até então obtidos para o português brasileiro. Para analisarmos os dados a partir do que já foi verificado em pesquisas sobre o português brasileiro, selecionamos as variáveis que foram usadas para codificarmos

---

<sup>7</sup> Todos os dados que, de alguma maneira, identificavam os informantes foram excluídos da pesquisa, a fim de preservar sua identidade, como lhes foi garantido antes das entrevistas e perante o Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco.

1 as incidências de sujeitos plenos e nulos. As variáveis que destacamos  
2 como pontos fulcrais de observação foram:

### 3 **4.1. Variável dependente:**

1- Sujeito Nulo	2- Sujeito Pleno
-----------------	------------------

### 4 **4.2. Variáveis independentes:**

#### 5 *4.2.1. Posição do sujeito pleno*

A- Sujeito pré-verbal	B- Sujeito pós-verbal
-----------------------	-----------------------

#### 6 *4.2.2. Tipo do verbo:*

C- Verbo intransitivo	E- Verbo inacusativo
D- Verbo transitivo	F- Verbo de ligação

#### 7 *4.2.3. Tipo de Oração*

G- Oração encaixada	H- Outras orações
---------------------	-------------------

#### 8 *4.2.4. Duplicação do Sujeito Pleno*

L- (+) duplicação	M- (-) duplicação
-------------------	-------------------

#### 9 *4.2.5. Referência semântica do sujeito*

N - 1ª pessoa do singular (“Yo”)	Q - 1ª pessoa do plural (“Nosotros”)
O - 2ª pessoa do singular (“Tú”)	R - 2ª pessoa do plural (“Vosotros”)
P - 3ª pessoa do singular (“Él / usted”)	S - 3ª pessoa do plural (“Ellos / Ustedes”)

#### 10 *4.2.6. Faixa Etária*

(+) Mais de 40 anos	(-) Menos de 40 anos
---------------------	----------------------

11 Após a codificação dos dados, foi realizada a análise estatística  
12 comparativas dos resultados obtidos. A codificação dos dados se fez por  
13 meio de análise do contexto frasal com base nas variantes dependentes e  
14 independentes. Cada frase foi decomposta e cada variante foi codificada  
15  
16  
17  
18  
19  
20

1 por meio da letra ou símbolo correspondente à sua categoria. Desse mo-  
2 do, a nível de exemplo, para a frase “Yo veo mucha mediocridad al rede-  
3 dor” equivale a seguinte codificação representada em (18):

4 (18) Yo veo mucha mediocridad al redor: 2 / A / D / H / N / O / U / (+)

5 Tal codificação se traduz em: Sujeito pleno / sujeito pré-verbal /  
6 verbo transitivo / outras orações/ - duplicação / 1ª pessoa do singular / +  
7 concordância / Mais de 40 anos

8 Os nossos dados apontaram para um resultado positivo com  
9 relação ao preenchimento da posição sujeito por pronomes plenos.  
10 Observamos que, em contextos específicos como os de orações  
11 coordenadas e encaixadas, ocorreram esses sujeitos, independentemente  
12 de ênfase, contraste ou desambiguação, indo de encontro ao que ocorre  
13 no espanhol europeu em contextos monolíngues. Nesse sentido,  
14 verificamos que os informantes parecem reconfigurar o parâmetro do  
15 sujeito nulo, assemelhando-se ao português brasileiro, por não  
16 obedecerem a restrições impostas pela gramática internalizada do  
17 espanhol europeu adquirida em contexto monolíngue que só admitiria  
18 sujeitos plenos em caso de ênfase, contraste ou desambiguação. (Cf.  
19 SILVA, 2006; SORIANO, 1999; LUJÁN, 1999)

20 Sobre a referência semântica dos sujeitos nulos e plenos, obser-  
21 vamos que a maior parte está relacionada à primeira pessoa do singular.  
22 Esse resultado nos parece natural, uma vez que os dados foram coletados  
23 por meio de entrevistas individuais em que cada informante falava sob  
24 suas perspectivas acerca dos mais diferentes assuntos. Desse modo, pelo  
25 gênero e pelo teor da entrevista, era de se esperar manifestações mais in-  
26 dividualistas (voltadas para a 1ª pessoa).

27 No que se refere ao tipo de oração e à duplicação do sujeito (pou-  
28 co produtivos em contextos monolíngues em termo de frequência), che-  
29 gamos à conclusão de que há interferência do português brasileiro no es-  
30 panhol europeu falado pelos nativos residentes no Brasil. Quanto à posi-  
31 ção do sujeito pleno e à morfologia de flexão verbal, não constatamos in-  
32 terferência.

33 No concernente à posição do sujeito, o espanhol europeu, ao con-  
34 trário do português brasileiro, apresenta sujeitos pós-verbais com todos  
35 os tipos de verbos, assemelhando-se a outras línguas de sujeito nulo pro-  
36 totípicas como o português europeu e o italiano. Caso houvesse interfe-  
37 rência, seria esperado que os falantes só produzissem esses sujeitos em

1 contextos monoargumentais, em específicos contextos construídos com  
2 verbos inacusativos como ocorre em português brasileiro. (Cf. BER-  
3 LINCK, 2000; KATO, 1999; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2003)

4 Com relação à morfologia de flexão verbal, observamos nos da-  
5 dos em análise que, ao contrário do português brasileiro que possui um  
6 AGR pobre (cf. DUARTE, 2000; GALVES, 2001; SILVA, 2004), o espa-  
7 nhol europeu caracteriza-se por possuir o AGR rico, seguindo as propos-  
8 tas de Ian Roberts e Mary Aizawa Kato (1993) e Charlotte Galves  
9 (2001), à semelhança do que ocorre no espanhol europeu em contexto  
10 monolíngue. A concordância verbal é categórica (100%) em todos os  
11 contextos analisados. Esse resultado, portanto, levou-nos a refletirmos  
12 acerca da interface morfologia/sintaxe defendida por muitos pesquisado-  
13 res com relação ao parâmetro do sujeito nulo (cf. TARALDSEN, 1978;  
14 RIZZI, 1997), pois, embora tenha AGR rico, há um grande percentual de  
15 sujeitos plenos (49%), ao contrário do que foi observado pela pesquisa  
16 desenvolvida por Humberto Soares da Silva (2006) em contexto mono-  
17 língue do espanhol europeu, em que esses sujeitos apresentam apenas um  
18 percentual de (27%) contra (73%) de sujeitos nulos.

19 A interferência é verificada quando analisado o tipo de oração. No  
20 que se refere às orações coordenadas e encaixadas, observamos, tomando  
21 por base a leitura referencial dos sujeitos (leitura correferencial e  
22 disjunta), que os falantes ora usam pronomes plenos em muitas situações,  
23 em que o sujeito nulo era obrigatório em sua língua materna, ora usam  
24 estes sujeitos nulos em contextos que seriam obrigatórios sujeitos plenos  
25 para desambiguar ou contrastar.

26 Sobre as duplicações do sujeito, não paira dúvida de que se trata  
27 de uma interferência do português brasileiro no espanhol europeu, pois,  
28 nesta língua, sujeitos duplicados são inadmissíveis sem que haja uma  
29 pausa entoacional, característica nem sempre presente nos dados. É inte-  
30 ressante percebermos que, embora não sejam produtivas no espanhol eu-  
31 ropeu em contexto monolíngue, os sujeitos duplicados encontrados nos  
32 dados, ao contrário do que ocorre em português brasileiro (cf. SILVA,  
33 2004), apresentam as mesmas restrições observadas no português euro-  
34 peu.

35 Sobre a faixa etária e o tempo de permanência dos nativos no Bra-  
36 sil, chegamos à conclusão de que os informantes mais idosos, mesmo os  
37 que residem a mais tempo no Brasil, demonstraram uma tendência maior  
38 ao uso de sujeitos nulos, apresentando menos desvios em relação à sua

1 gramática adquirida em contexto monolíngue. Em linhas gerais, perce-  
2 bemos que entre os mais idosos, a ocorrência de sujeitos plenos nas  
3 amostras coletadas é baixa, corroborando a ideia de que as pessoas mais  
4 idosas são mais conservadoras no que diz respeito à língua materna.  
5 Mesmo que nosso trabalho não tenha propósitos sociolinguísticos, alguns  
6 estudos nesta área confirmam tal hipótese sobre outros fenômenos lin-  
7 guísticos. (Cf. SCHERRE, 1998; PAIVA, 1998; SOUZA, 2007)

8

9

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

10 ARAÚJO, Eivalda Alves de. Contato linguístico: uma análise compara-  
11 tiva de construções de tópico nulo na escrita e na oralidade. *PAPIA* 22  
12 (1), 2012. p. 111-128. Disponível em:  
13 <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1685/1496>>.

14 BADÍA MARGARIT, Antoni Maria. La omisión del sujeto en español.  
15 In: Homenaje a Alonso Zamora Vicente (volume 1). Madri: Castalia,  
16 1988. p. 361-368.

17 BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary  
18 Aizawa. A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no portu-  
19 guês brasileiro. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Por-  
20 tuguesa de Linguística*. Lisboa, 2001. p. 539-50.

21 BASSETTO, Bruno Fregni. Situação Atual das Línguas Românicas.  
22 *Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janei-  
23 ro: vol. II, 1999, p. 61-67.

24 BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro:  
25 Lucerna, 2001.

26 BELLETTI, Adriana. Inversion as focalization. *Università di Siena* (Re-  
27 visited version). Junho. [Mimeo], 1999.

28 BELLETTI, Adriana; LEONINI, Chiara. Subject inversion in L2 Italian.  
29 In: FOSTER COHEN, Susan H.; SHARWOOD SMITH, Michel; SO-  
30 RACE, Antonella; OTA, Mitsuhiko. (Eds.) *Eurosla Yearbook*. Amster-  
31 dam: John Benjamins, 2004.

32 BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana*. Madri: EDAF,  
33 2004.

34 CABANA, Nasle Maria. Estudo em tempo aparente em tempo real do  
35 uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte. *Domínios de Linguagem*,

- 1 Ano 1, nº1 – 1º Semestre de 2007. Disponível em:  
2 <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11404/6688>>.  
3
- 4 CAPILLA, María Carolina Calvo. *Espanhol e português em contato: O*  
5 *Atrito da L1 de Imigrantes Espanhóis no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Brasília: UBB, 2007.  
6
- 7 CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2. ed. Dor-  
8 drecht: Foris, 1981.
- 9 \_\_\_\_\_. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- 10 \_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Nova Iorque:  
11 Praeger, 1986.
- 12 COSTA, João; GALVES, Charlotte. External subjects in two varieties of  
13 Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, Claire;  
14 BOK-BENNEMA, Reineke; DRIJKONINGEN, Frank A .C.; MONA-  
15 CHESI, Paola. *Romance languages and linguistic theory 2000, Utrecht*,  
16 30 November-2 December. vol. 232. Amsterdam; Philadelphia: John  
17 Benjamins Publishing Company, 2002. Disponível em:  
18 <[http://www.swanboathire.com.au/lib/download/asin=0:00839045&type](http://www.swanboathire.com.au/lib/download/asin=0:00839045&type=stream)  
19 [=stream](http://www.swanboathire.com.au/lib/download/asin=0:00839045&type=stream)>.
- 20 COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. Nominal and ver-  
21 bal agreement in Portuguese: *an argument for Distributed Morphology*.  
22 Lisboa, 2003.
- 23 COSTA, João. PB e PE: orientação para o discurso importa? *Estudos da*  
24 *Língua(gem)*, Vitória da Conquista: v. 8, n. 1, 2010. p. 123-143. Disponí-  
25 vel em:  
26 <<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/download/176/259>>.  
27
- 28 CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Ja-  
29 neiro: FENAME, 1981.
- 30 CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Sobre os tratamentos transforma-  
31 cionalista e léxicointerpretativo das construções passivas em português.  
32 1978. (Dissertação de Mestrado em Linguística). – UnB. Brasília.
- 33 CURTISS, Susan. A critical period for the acquisition of grammar: *Evi-*  
34 *dence from feral and isolated children*. UCLA Working Papers in: *Cogni-*  
35 *tive Linguistics*, 1980.

- 1 CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil:*  
2 *um estudo sintáticodiacrônico*. 1994. (Tese de Doutorado em Linguísti-  
3 ca). UNICAMP. São Paulo.
- 4 \_\_\_\_\_; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Vi-  
5 sible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO,  
6 Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Orgs.). *Brazilian Portu-  
7 guese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-  
8 IberoAmericana, 2000, p. 55-73.
- 9 DEUS, Sofia. O Tétum-Díli como língua não-*pro-drop*: na senda do Ca-  
10 boverdiano. *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*,  
11 Lisboa, APL, 2011, p. 226-241.
- 12 DUARTE, Inês. *A construção de topicalização na gramática do portu-  
13 guês: regência, ligação e condições sobre movimento*. (Tese de Doutora-  
14 do em Linguística). Universidade de Lisboa, 1987.
- 15 DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito)  
16 em interrogativas qu- no português do Brasil”. *DELTA* 8, n. Especi-  
17 al. 1992. p. 37-52.
- 18 \_\_\_\_\_ . Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no  
19 português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.).  
20 *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP,  
21 1993.
- 22 \_\_\_\_\_ . A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro.  
23 1995. (Tese de Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP.
- 24 \_\_\_\_\_ . Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian  
25 Portuguese. In: Proceedings of the 16th International Congress of Lin-  
26 guists. Paris: Syntax, 1998. CD-ROM.
- 27 \_\_\_\_\_ . Sociolinguística Paramétrica: *Perspectivas*. In: HORA, D. Da &  
28 CHRISTIANO, E. (orgs.). Estudos Linguísticos: *Realidade Brasileira*.  
29 João Pessoa: *Ideia*, 1999. p. 107-14.
- 30 \_\_\_\_\_ . The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portue-  
31 se. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Eds.). Brazi-  
32 lian Portuguese and the null subject parameter. Madrid: Iberoamericana,  
33 2000. p. 17-36.
- 34 \_\_\_\_\_ . A evolução na representação do sujeito pronominal em dois  
35 tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia

- 1 Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro:  
2 Contra Capa, 2003.
- 3 ELLIS, Nick C. Cognitive approaches to SLA. *Annual Review of Applied*  
4 *Linguistics* 19, 1999, p.22-42.
- 5 FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. São  
6 Paulo: Ática, 1994.
- 7 FARIA, Pablo. Princípios e Parâmetros: *É Possível Pensar em Reconfi-*  
8 *guração de Parâmetros? Língua, Literatura E Ensino*, Maio. Vol. III.  
9 2008, p. 173-182.
- 10 FÁVERO, Leonor Lopes. *Complementação de predicado em português*.  
11 (Tese de Doutorado em Linguística). PUC-SP. São Paulo, 1974.
- 12 FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal: *formas y dis-*  
13 *tribuciones. Pronombres átonos y tónicos*. In: BOSQUE, Ignacio; DE-  
14 MONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis*  
15 *básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.
- 16 GALVES, Charlotte. O Enfraquecimento da Concordância no Português  
17 Brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.). *Português*  
18 *brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993.
- 19 \_\_\_\_\_. Tópicos e Sujeitos Pronomes: *Concordância no Português Bra-*  
20 *sileiro. Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1998.
- 21 GUASTI, Maria Teresa. *Language Acquisition. The growth of grammar*.  
22 MIT Press, Cambridge, Mass, 2002.
- 23 \_\_\_\_\_.; RIZZI, Luigi. Null Aux and the acquisition of residual V2, in:  
24 *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Lan-*  
25 *guage Development*; 201, Andy Stringfellow et-al (ed.) Casscadila Press,  
26 1996, 284-295.
- 27 GONÇALVES, Matilde. *Para uma redefinição do parâmetro do sujeito*  
28 *nulo*. (Dissertação de Mestrado em Linguística), Universidade de Lisboa,  
29 1994.
- 30 HUANG, Cheng-Teh James. *Pro-drop in Chinese: a generalized control*  
31 *theory*. In: JAEGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth J. *The null subject pa-*  
32 *rameter*. Dordrecht, London: Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 185-  
33 214.

- 1 KATO, Mary Aizawa. Os frutos de um projeto herético: *parâmetros na*  
2 *variação*. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth. (Orgs.).  
3 Estudos Linguísticos: *Realidade Brasileira*. João Pessoa: Ideia, 1999a.
- 4 \_\_\_\_\_. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português  
5 do Brasil. Fórum Linguístico. Florianópolis, Pós-Graduação em Lingüística,  
6 UFSC, 1999, p. 1-21.
- 7 \_\_\_\_\_. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian  
8 Portuguese. In: \_\_\_\_; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Ed.). *Brazilian*  
9 *Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana,  
10 2000.
- 11 \_\_\_\_\_.; RAMOS, Jânia. *Trinta Anos De Sintaxe Gerativa no Brasil*,  
12 *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n.º especial, São Paulo: 1999.
- 13 KAYNE, Richard S.; POLLOCK, Jean-Yves. Stylistic inversion, successive  
14 cyclicity and move NP in French. *Linguistic Inquiry*, v. 9. p. 595-  
15 621, 1978.
- 16 KAYNE, Richard S. Microparametric Syntax. Some Introductory Remarks.  
17 In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Parameters and Universals*. Oxford: Oxford University Press,  
18 2000, 3-9
- 19 LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la Lengua Española*. Real  
20 Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- 21 LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Globo: Rio de Janeiro,  
22 2002.
- 23 LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOS-  
24 QUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua*  
25 *española: sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Es-  
26 pasa, 1999.
- 27 MARINS, Juliana Esposito. O parâmetro do sujeito nulo: *uma análise*  
28 *contrastiva entre o português e o italiano*. (Dissertação de Mestrado em  
29 Linguística), UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.
- 30 \_\_\_\_\_.; SILVA, Humberto Soares da. O comportamento das línguas românicas  
31 em relação ao parâmetro do sujeito nulo. *SIGNUM: Est. Ling.*,  
32 Londrina, v. 12, n. 1, p. 191-216, jul. 2009.
- 33 MARTINS, E. John. Origem e função dos pronomes complemento de  
34 terceira pessoa. *Letras de Hoje*, vol. 26, p.123-133, 1976.

- 1    MODESTO, Marcello, Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente,  
2    *ABRALIN*, vol. III, no 1, p. 119-145, 2004.
- 3    MORAES, Euzi Rodrigues. O infinitivo flexionado em português: *uma*  
4    *análise transformacional*. 1971. (Dissertação de Mestrado em Linguística).  
5    UFRJ, Rio de Janeiro.
- 6    MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Aportes de la sociología a la enseñanza  
7    de lenguas. *Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española*,  
8    *(REALE)*, Alcalá de Henares, n. 1, p. 107-135, 1994.
- 9    MOURA, Maria Denilda. (Org.). Os Desafios da Língua: *Pesquisas em*  
10    *Língua falada e Escrita*. EdUFAL: Maceió, 2008.
- 11   MOURA, Maria Denilda; FARIAS, Jair. (Orgs.). *Reflexões sobre a*  
12   *sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005.
- 13   NEGRÃO, Esmeralda Vailati. O princípio de projeção estendida no português  
14    brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 141-155. jul./dez..  
15    Editora da UFPR, 2001.
- 16   NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. As mudanças  
17    no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização  
18    de formas. *D.E.L.T.A.* 12: 125-152, 1996.
- 19   NOVAES, Celso. Representação mental do sujeito nulo no português do  
20    Brasil, *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.59-80, jul./dez. 1997.
- 21   ORSINI, Mônica Tavares; PAULA, Mayara Nicolau de. As construções  
22    de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: *um estudo*  
23    *de tendência*, *Revista Investigações* - Vol. 24, nº 2, Julho/ 2011.
- 24   POLLOCK, Jean-Yves. Langage et Cognition. Introduction au programme  
25    minimaliste de la grammaire generative. Paris: PUF, 1998
- 26   PONTES, Eunice. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; Brasília:  
27    INL, 1986.
- 28   QUADROS, Ronice Müller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis:  
29    Editora da UFSC, 2008.
- 30   RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of  
31    universal grammar. In: *10th ADVANCED COURSE "LANGUAGE AND*  
32    *COGNITION"*. Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October  
33    10, 1988.

- 1 ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.) *Português brasileiro: uma*  
2 *viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993.
- 3 \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A generalização de Taraldsen e a mudança linguística:  
4 *dois modos de perder sujeitos nulos*. In: TORRES MORAIS, Maria Apa-  
5 recida Correa Ribeiro; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de  
6 Oliveira. (Orgs.). *História do português paulista. Série Estudos*, v. II.  
7 Campinas: UNICAMP, Publicações IEL, 2009.
- 8 \_\_\_\_\_. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In:  
9 ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.). *Português brasileiro: uma*  
10 *viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1996.
- 11 ROMUALDO, Jonas de Araújo. *Cláusulas comparativas do português*.  
12 (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1975.
- 13 SILVA, Humberto Soares da. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto en-*  
14 *tre o português e o espanhol*. (Dissertação de mestrado em Linguística).  
15 UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
- 16 SILVA, Cláudia Roberta Tavares. *A natureza de Agr e suas implicações*  
17 *na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o*  
18 *português europeu*, Maceió: UFAL, 2004.
- 19 TARALDSEN, Knut Tarald. The scope of Wh movement in Norwegian.  
20 *Linguistic Inquiry*, 1978, p. 623-640.
- 21 TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. SÃO PAULO: Scipione,  
22 1996.